

## ATUAÇÃO DA TERAPIA OCUPACIONAL JUNTO AO IDOSO INSTITUCIONALIZADO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

FRANCIELE COSTA BERNÍ<sup>1</sup>; LAURA TEREZINHA LIMONS<sup>2</sup>; FRANCIELLY ZILLI<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [franberni2@gmail.com](mailto:franberni2@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [lglimons@gmail.com](mailto:lglimons@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [franciellyzilli.to@gmail.com](mailto:franciellyzilli.to@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Então, o que é a velhice? O que é ser idoso? Citando um trecho do livro “País jovem com cabelos brancos” afirma que “Velhice é um termo impreciso [...] nada flutua mais do que os limites da velhice em termos de complexidade fisiológica, psicológica e social” (VERAS apud MINAYO; COIMBRA, 2002, p.14).

O envelhecimento pressupõe a ocorrência de modificações em vários níveis. As mudanças ocorrem para todos, mas em momentos e intensidades diferentes, e dependem de características genéticas, ambientais e sociais. O envelhecimento é, portanto, um híbrido biológico-social. A velhice, assim como a infância, a adolescência ou a vida adulta, não é uma propriedade que os indivíduos adquirem. (MINAYO; COIMBRA, 2002)

A Lei n.10.741, de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso, estabelece que “O idoso tem direito à moradia digna, no seio da família ou desacompanhado de seus familiares, quando assim o desejar, ou, ainda, em instituição pública ou privada”. Será prestada a modalidade de entidade de longa permanência quando se verifique abandono, inexistência de grupo familiar, ou carência de recursos financeiros. E as instituições “[...] são obrigadas a manter padrões de habitação compatíveis com as necessidades deles, bem como provê-los com alimentação regular e higiene [...]”. (BRASIL, 2003).

Conforme FERRARI; FONSECA (2010) a intervenção do terapeuta ocupacional neste contexto visa conseguir a maior independência possível para o idoso institucionalizado, para que ele possa realizar suas atividades do cotidiano e seus papéis ocupacionais com satisfação e motivação. Além disto, o terapeuta ocupacional deve estar apto para atender diversos tipos de disfunções, sendo estas: física, mental e social.

“O terapeuta ocupacional em geronto-geriatria valoriza as necessidades do idoso e identifica as estratégias necessárias para solucioná-las, tentando conseguir por meio de atividades selecionadas especificamente com esse fim que o idoso alcance com êxito os resultados esperados tanto do ponto de vista pessoal como social”. (FERRARI; FONSECA, 2010, p. 552).

Com base no que foi citado acima, o presente estudo tem por objetivo relatar as experiências acadêmicas de estagiárias de Terapia Ocupacional em uma instituição de longa permanência para idosos no município de Pelotas/RS.

### 2. METODOLOGIA

O estudo é de caráter descritivo e nele será relatada a experiência de atividades desenvolvidas por acadêmicas do curso de Terapia Ocupacional

durante o estágio realizado em Instituição de Longa Permanência para idosos do município de Pelotas, no período de abril a julho de 2016.

De acordo com GIL (2009, p. 42) as pesquisas descritivas “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”, nossos relatos partem desta experiência.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das experiências adquiridas no contexto de Instituições de Longa Permanência para idosos, serão explanadas a seguir os resultados que as acadêmicas de Terapia Ocupacional perceberam durante o período de três meses.

Ao chegarmos à instituição com grande expectativa em relação a atuação da terapia ocupacional nesse contexto, fomos surpreendidas pela pouca aceitação e resistência ao tratamento e pelo fato de que a grande maioria dos idosos encontravam-se em declínio cognitivo e dependência física, assim como solitários, fragilizados, carentes de atenção e com perfil depressivo. Os idosos eram separados em alas femininas e masculinas e não se percebia integração entre eles. As informações de prontuários eram muito reduzidas e ao entrevistarmos os idosos e aplicarmos avaliações padronizadas percebeu-se que a grande maioria apresentava problemas como de visão, por exemplo, queixavam-se de dores e do difícil acesso ao tratamento médico. Uma das percepções mais inquietantes se deu com o número de casos de depressão e sensação de abandono por parte dos idosos, alguns inclusive com desejo de morte.

Foi bastante desafiador o estágio nesse contexto, porém no decorrer do tempo estabelecemos vínculos com alguns dos idosos e a convivência tornou-se mais fácil, sendo que através de atendimentos individuais ou coletivos, podemos ouvir muitas histórias de vida, algumas reais e outras nem tanto, algumas felizes, outras não, ouvimos os desejos, as lembranças e as queixas de cada um que mantivemos contato. Tivemos a oportunidade de intervir com alguns deles de forma proveitosa, principalmente em atividades grupais onde reuníamos o setor masculino e feminino e promovíamos, principalmente, a interação entre eles.

Conhecemos pessoas maravilhosas, como a senhora com suas agulhas e linhas, sempre tricotando colchas e contando histórias, nunca a vimos triste, sempre sorrindo apesar das dificuldades relatadas em relação a estadia na instituição. Histórias de esperanças nem sempre reais, talvez de um amanhã que não chegue nunca, mas é o amanhã dela. Também a senhora que toca gaita, que namora, que sonha, que adora música, que canta, que “casou” na festa junina, que os acadêmicos de Terapia Ocupacional organizaram na instituição, que se despediu de forma muito carinhosa, agradecendo pelos momentos felizes que foram proporcionados pelo grupo de estagiários.

Além de termos tido também a “outra noiva” na festa junina, a idosa que não lembrava bem quem era o noivo, mas que ficou feliz em “casar”, não importa se com o “Fabio” ou com o “Fernando”. No início esta idosa apresentou-se muito mau humorada, e no final participava de todas as atividades e cantava Roberto Carlos, com muita alegria. Não podemos deixar de citar outra, que encontrava-se na maior parte do tempo chorando pela sua chupeta e suas bonecas, vivendo em “outro mundo”, um mundo infantilizado, mas que também no final participava das atividades de grupo, “dançava” e sorria, e por este momento aproximava-se da

realidade. Também a que apresentava sintomas fortíssimos de depressão, não querendo levantar da cama e no final já pensava em cuidar da sua aparência, pintando e cortando os cabelos para ficar mais bonita. Outras tantas com suas histórias e suas particularidades que deixarão marcas e lembranças na nossa vida.

Esses são apenas alguns exemplos de pessoas diferentes vivendo em um lugar comum, um lugar frio, grande e impessoal, lugar onde ninguém tem individualidade, e muitas vezes nem identidade, porém se mantém vivos e por incrível que pareça alguns parecem felizes em algumas situações.

#### 4. CONCLUSÕES

A fim deste, após os resultados aqui explanados, e a partir das nossas vivências neste contexto, podemos perceber a efetividade do trabalho de um profissional de Terapia Ocupacional no local. De modo que, apesar do curto período de tempo de atuação, sendo este apenas três meses, obtivemos estabilização dos quadros encontrados (na sua grande maioria), e por sua vez, algumas melhoras, como foi dito anteriormente, sem que houvessem agravantes, o que é bastante significativo para a população de idosos asilados.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Presidência da República**. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n. 10.741, de 1º. de outubro de 2003. Acessado em 05 de ago. 2016. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.741.htm).

FERRARI, M. A. C; FONSECA, S. M. P. L. Atenção ao idoso em instituição de longa permanência: O enfoque da Terapia Ocupacional. In: **Gerontologia: Os desafios nos diversos cenários da atenção**. Barueri: Manole, 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2009.

MINAYO, M.C.; COIMBRA, C.E. Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. In: MINAYO, M.C. (Org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p.11-24.